

## Trabalho e Imigração: Os haitianos empregados nos frigoríficos do Oeste do Paraná

### Labor and Immigration: Haitians employed in slaughterhouses in the West of Paraná

Antonio de Padua Bosi\*

#### Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a presença de trabalhadores haitianos ocupados em frigoríficos no Oeste do Paraná nas décadas de 1990 a 2010. Pretendo examinar a relação entre trabalho e imigração no que diz respeito às expectativas que esses trabalhadores têm ao saírem do Haiti, as dificuldades identificadas por eles na região e as reações individuais e coletivas que são capazes de construir. A escrita desse artigo manuseou material de pesquisa constituído de literatura sobre tema, informações estatísticas, fontes de imprensa e entrevistas.

**Palavras-chave:** Haitianos; Trabalho; Imigração; Frigoríficos.

#### Abstract

The objective of this paper is to examine the employment of Haitians in slaughterhouses in the West of Paraná from 1990 to 2010. I intend to examine the relationship between labor and immigration in terms of the hope Haitians feel when leaving Haiti, the difficulties identified by them in the region and the individual and collective reactions they construct. The narrative of this paper derives from research literature on the subject, statistical information, journalistic sources and interviews.

**Keywords:** Haitians; Labor; Immigration; Slaughterhouses.

## 1. Trabalho e Imigração

Há um plano mais geral sobre trabalho e imigração que requer referência. No contexto do capitalismo a migração de trabalhadores tem sido

---

\*Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: antonio\_bosi@hotmail.com

pensada majoritariamente em função dos interesses do capital. Lenin foi um dos primeiros a assinalar isso. Ele argumentou que o capital busca ampliar a mais-valia e obter lucros maiores barateando o custo da força de trabalho por meio da abertura de empresas em países considerados periféricos em continentes como a América Latina. Desse modo, apoiado no capital financeiro, existiria uma tendência de o capitalismo expandir suas fronteiras para explorar trabalho barato onde houvesse. A avaliação de Lenin apontou para mercados de países menos desenvolvidos: “Nos países atrasados o lucro é em geral elevado, pois os capitais são escassos, o preço da terra e os salários relativamente baixos, e as matérias-primas baratas”.<sup>1</sup>

Esta formulação é largamente conhecida e seu valor empírico ainda é válido. Trabalhadores se movimentam em busca de trabalho à medida que se sentem pressionados pelo capitalismo. Quando uma região tem sua economia reformulada pelo capital por meio da introdução de novas tecnologias e relações de trabalho, os trabalhadores se veem em grande dificuldade, seja para resistir e preservar seu modo de vida, seja para escapar daquela situação e buscar outro lugar para trabalhar. Grande parte dos estudos sobre migração no Brasil identificou este tipo de conflito e de deslocamento humano. Portanto, a mobilidade do capital em âmbito regional ou internacional imobiliza força de trabalho, recrutando-a de distâncias curtas ou longas. Novamente, muitos estudos sobre esse assunto mapearam e escrutinaram populosas migrações como as de trabalhadores das regiões norte e nordeste que se dirigiram para São Paulo.

A ideia de Lenin sublinhada aqui interessa de perto, pelo menos num ponto. Quando uma região ou país sedia a transferência ou expansão do capital, principalmente no setor produtivo, ampliando postos de trabalho, estes se tornam uma opção para trabalhadores de outros países sem perspectiva de emprego, o que significa, em regra, salários menores do que os usualmente praticados. Esta é uma chave analítica que ajuda a montar um quadro histórico mais geral da imigração haitiana para o Brasil nas duas últimas décadas. Por sua vez, este quadro pode (e deve) ser interpretado considerando tanto o peso do capitalismo na organização da produção e do trabalho quanto as escolhas dos trabalhadores a partir das experiências sociais vividas por eles.

Saskia Sassen vê esse problema de outro ângulo histórico. Ela afirma haver muitas evidências na literatura acadêmica a respeito da migração e a internacionalização da produção, apesar de muitos estudos acadêmicos

---

<sup>1</sup> LENIN, W.I.U. O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo. In *Obras Escolhidas*. Volume 1. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979, p.622.

tratarem esses assuntos como corpos separados.<sup>2</sup> Sassen concluiu que nos anos 80 (quando recolheu e organizou material pesquisa sobre o assunto), em muitos países considerados desenvolvidos, recrutar trabalhadores e manter um bom número em reserva se mostrou um problema. Naquela conjuntura, uma pré-condição para garantir a extração da mais-valia seria o deslocamento do excedente de trabalhadores de países considerados não desenvolvidos ou em desenvolvimento (como o Brasil) para os que estivessem em situação de escassez. A realização desse tipo de imigração exigiria políticas públicas e legislação compatíveis. Foi uma engenharia de fato complexa que envolveu esforços de diversos países. Vinte anos depois, Sassen observou tendência diferente àquela e ponderou que imigrantes tipificados como refugiados (a exemplo de Sírios e africanos no tempo presente) não seriam os mais pobres de seus países de origem,<sup>3</sup> embora a esmagadora maioria de imigrantes ainda é composta de trabalhadores empobrecidos.

A respeito das reflexões de Lenin e Saskia terem sido elaboradas de perspectivas diferentes e distantes no tempo, ambas concordam que a imigração de trabalhadores acontece em relação a mobilidade do capital e que representa uma experiência global. Trata-se de uma referência que ajuda a pensar os trabalhadores haitianos que vêm para o Brasil ligados a esse traço histórico, identificado e analisado por Lenin desde o início do século passado. *Os interesses do capital condicionam a mobilidade de trabalhadores em todo mundo.*

Este é um ponto de partida para examinar como os imigrantes haitianos têm vivido e compreendido as pressões do capital nos termos de suas próprias experiências, tanto no Haiti quanto no Brasil. Isso se faz como alternativa a parte da bibliografia produzida sobre imigração (em especial, imigração haitiana), cuja interpretação considera “fluxo migratório” e migração de crise como categorias exclusivas de análise. O uso da noção de fluxo migratório geralmente considera seu caráter funcional à medida que consegue identificar variações em tamanho e intensidade de deslocamentos populacionais.

A ideia de fluxo, materializada em estatísticas e tabulada conforme roteiros de investigação, pode ser visualizada em contextos históricos e demográficos importantes como a migração de italianos para regiões dos Estados Unidos e Brasil no período de 1870 a 1930. Quando pensada assim ela se mostra bastante eficiente porque chama atenção para as movimentações

---

<sup>2</sup> SASSEN, Saskia. *The mobility of labor and capital. A study in international investment and labor flow.* Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

<sup>3</sup> SASSEN, Saskia. Three emergent migrations: an epochal change. In *SUR, International Journal of Human Rights*. 23-v.13, n.23, 2016.

humanas motivadas por políticas de recrutamento, guerras, conjunturas de aprofundamento da pobreza econômica e social, catástrofes e outros fatores de semelhante envergadura. Por outro lado, o fato de esse conceito ser mais descritivo do que analítico pode limitar sua ação relativamente às pessoas que migram. Dificilmente o estudo do deslocamento humano nos termos de um ou mais de um fluxo migratório consegue – ou permite – abordar as pessoas que migram como sujeitos na dinâmica da migração. As discussões que pautam (muitas vezes em profundidade) os impactos, dificuldades e dilemas enfrentados quando se é um imigrante geralmente vêm depois da caracterização dos fluxos migratórios.

Mostrar essas questões como desdobramentos de fluxos migratórios (diferentemente de abordar a migração como uma experiência social vivida) tem seus méritos ainda que fique distante de sondar o sentido de as pessoas mudarem de país. Esse é um campo difícil de ser traduzido das pesquisas que examinam as migrações em seus contornos maiores, ponderados por estatísticas. É improvável que sejam capazes de nos contar quem eram e o queriam os migrantes. O que acontece com as pessoas que migram? Como elas se veem? Como elas gostariam de ser? A ideia de fluxo migratório tende a tornar inúteis tais perguntas – ou é inapta para responde-las.

Ao mesmo tempo, a noção de migração de crise também retira o protagonismo dos sujeitos que migram, ou diminui seu peso na história.<sup>4</sup> Tem sido uma noção de largo emprego e com razoável disseminação. Crise, abarca situações similares a do Haiti, quando foi afetado pelo terremoto de 2010. É o caso também de guerras que pressionam grupos sociais e povos inteiros a migrarem na condição de refugiados. Nos últimos trinta anos entrariam no domínio desse conceito a fuga de africanos para a Europa, Sírios pedindo asilo na Alemanha e noutros países da União Europeia. De fato, a instabilidade em escala global no tempo presente torna a mobilidade de pessoas socialmente desprotegidas quase imperiosa.

Podemos organizar um quadro razoavelmente amplo formado por muitos trabalhos publicados a respeito da presença recente de haitianos no Brasil. Nele encontraremos estudos que destacam, especificamente, questões ligadas aos motivos da imigração,<sup>5</sup> a estratificação dos imigrantes em faixa

---

<sup>4</sup> SIMON, Gildas. *Geodynamique des Migrations Internationales dans le Monde*. Paris: PUF, 1995; BUONANNO, L. The European Migration Crisis. In DINAN, N. et al. (Eds.) *The European Union in Crisis*. London: Palgrave Macmillan, 2017, pp.100-130.

<sup>5</sup> SEGUY, Franck. A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti. (Doutorado) Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia e

etária, gênero, condição social, escolaridade etc.,<sup>6</sup> renda e remessa de dinheiro para familiares no Haiti,<sup>7</sup> as formas de entrada no país,<sup>8</sup> o acolhimento,<sup>9</sup> a legislação responsável pela concessão de vistos.<sup>10</sup> Todos esses tópicos têm sido explorados sistematicamente desde 2010. Alguns deles, como a estratificação dos imigrantes, datam de quatro décadas atrás e resultam, principalmente, de esforços acadêmicos e governamentais dos Estados Unidos sobre a imigração nesse país, particularmente acerca dos mexicanos. Aos poucos têm entrado na agenda de pesquisa das ciências humanas e sociais.

Dentre esses pontos, os mais relevantes para este texto dizem respeito aos motivos da imigração, o acolhimento (incluídas nesse aspecto as sociabilidades redes formadas pelos haitianos) e como os haitianos *tratam* as experiências relativamente ao trabalho e a imigração. A literatura sobre o assunto tem definido o terremoto que assolou o Haiti em 12 de janeiro de 2010, e suas consequências, como principal explicação para a imigração de milhares de haitianos. O saldo deixado pela devastação chamou atenção no mundo todo. Foram aproximadamente 220 mil mortos, 300 mil feridos e 1,5 milhão de desabrigados.<sup>11</sup> Há diversos motivos que realçam essa tragédia como culpada pela desorganização do país. O mais ressaltado deles argumenta que a concentração de renda aumentou igualmente ao desemprego, ao empobrecimento e as doenças epidêmicas. Organizei informações a respeito do crescimento do PIB de cada ano, numa série que vai de 2010 a 2017, descrita em bilhões de dólares. Respectivamente temos 11,48 (2010), 12,52 (2011), 13,15 (2012), 13,42

---

Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. 2014; BAENINGER, R.; PERES, R. Migração de Crise: a imigração haitiana para o Brasil. In *REBEP - Revista Brasileira de Estudos de População*. V.34, n.1, p.119-143, jan./abr. 2017.

<sup>6</sup>JADOTTE, Evans. International migration, remittances and Labour supply: the case of Republica Haiti. Research Paper. May 2009. Disponível: <https://ideas.repec.org/p/unu/wpaper/rp2009-28.html>. Acesso: 4 mai. 2018.

<sup>7</sup>OROZCO, Manuel. Understanding the remittances economy in Haiti. *Inter-American Dialogue*. Paper commissioned by the World Bank. March 15, 2006.

<sup>8</sup>SILVA, S.A. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. In *Revista Brasileira de Estudos de População*. Belo Horizonte, v.34, n.1, p.99-117, jan./abr. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v34n1/0102-3098-rbepop-34-01-00099.pdf> Acesso 12 abril de 2016.

<sup>9</sup>DIEME, Kassoum, Imigração haitiana e política de acolhimento institucional na cidade de São Paulo: 2010-2015. (Dissertação). Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia. IFCH. Universidade Estadual de Campinas. 2016.

<sup>10</sup>SILVA, J.G.C.M.L.G.X.S. Por razões humanitárias: cidadanias, políticas públicas e sensibilidades jurídicas na reforma migratória brasileira. (Doutorado) Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Direito, Estado e Constituição da Universidade de Brasília. Sociologia. Brasília, 2017.

<sup>11</sup>UNITED NATIONS. United Nations Stabilization mission in Haiti. Disponível <https://peacekeeping.un.org/en/mission/minustah>. Acesso 12 Dez 2018.

(2013), 14,5 (2014), 15,5 (2015), 19,34 (2016) e 19,88 (2017).<sup>12</sup> (Indexmundi, 2018) Nesse período não há sinal de estagnação ou recessão de acordo com a dinâmica do PIB. Diferentemente do que se podia esperar o crescimento havido no período de 2010 a 2017 foi de 8,2%. Ao mesmo tempo, a ONU acusa que 70% da população vive com menos de 2 dólares mensais, e que o desemprego tem característica crônica, mantendo-se entre 75% e 80%. A distribuição de renda também piorou desde o terremoto. E percentualmente o PIB do Haiti cresceu mais do que o americano e o alemão.

Trata-se de uma leitura sólida e conta com amplo consenso. Ela reforça a evidência de que, apesar do crescimento do PIB no Haiti, a economia não foi capaz de manter a população fixada no país. Na história do Haiti, desde o século XV, na condição de colônia, a experiência da pobreza tem sido um traço constante, com rara interdição. Houve naquela época um movimento inverso à imigração, quando milhares de africanos escravizados aportaram ali para serem vendidos no Caribe e outras regiões, ou empregados na produção de café, açúcar, algodão e índigo onde hoje é o Haiti.<sup>13</sup> Essa trajetória foi interrompida apenas uma vez, pela revolução realizada em 1791, embora seguisse sob práticas de resistência política insistentes, reclamando liberdade, direitos sociais e, em casos mais extremos, o fim da propriedade privada.<sup>14</sup> Portanto, pobreza, exploração e opressão formam uma grande parte das experiências vividas pelos trabalhadores. *A imigração é uma das respostas a esta situação.*

No curto período de 2010 a 2015, aproximadamente 125 mil haitianos entraram no Brasil como imigrantes. Pelos aeroportos chegaram 40 mil. Pelas fronteiras da região norte entraram outros 85 mil. A proporção de haitianos que ingressou aqui foi cerca de 50% do total de imigrantes, seguida por senegaleses, sírios, bengaleses, nigerianos, angolanos, congolezes, ganeses, libaneses, venezuelanos e outras nacionalidades. É um fato relevante que haitianos tenham superado em números todos os imigrantes de países africanos.<sup>15</sup>

Particularmente, a região sul concentra o maior índice de vistos permanentes concedidos a haitianos, 44,95%, algo perto de 12 mil. Nesse universo, o Paraná reúne 15,24% dos haitianos com registros ativos. Fica abaixo apenas

<sup>12</sup> INDEXMUNDI. Haiti. Economia. Produto Interno Bruto (PIB). Disponível em [https://www.indexmundi.com/pt/haiti/produto\\_interno\\_bruto\\_\(pib\).html](https://www.indexmundi.com/pt/haiti/produto_interno_bruto_(pib).html). Acesso 4 jun. 2018.

<sup>13</sup> JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros*: Toussaini L'ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010.

<sup>14</sup> LINEBAUGH, P.; REDIKER, M. *A Hidra de muitas cabeças*. Marinheiros, escravos, plebeus e história do Atlântico revolucionário. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

<sup>15</sup> BRASIL. Informações recolhidas na Base de Dados da Polícia Federal. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível: <http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao>. Acesso 16 Jul. 2018.

do estado de São Paulo, que tem 30,97%.<sup>16</sup> No período de 2010 a 2016, a maior parte que se estabeleceu no Paraná buscou Curitiba. Depois da capital, o destino mais procurado no estado tem sido o Oeste do Paraná. Cerca de seis mil haitianos residem na região, algo de 5% dos haitianos no país. A maioria desses seis mil haitianos trabalham em frigoríficos.

Atualmente existem sete frigoríficos de abate e processamento de carne de porco e de frango na região. Cada planta industrial emprega entre 1500 a 3000 trabalhadores. A maioria desses frigoríficos foi criada nos últimos vinte anos, correspondendo a decisão do capital de investir no beneficiamento de matéria-prima encontrada em muitos dos 50 municípios que integram o Oeste do Paraná. Antes dos frigoríficos já havia produção de grãos utilizados nas rações, trabalhadores desocupados (ou ocupados em tempo parcial), minifúndios adequados para receber aparato e conhecimento necessários a criação de suínos e frangos, tudo isso apoiado em arranjos políticos, econômicos e institucionais para apoiar esses empreendimentos. Embora a evolução desse setor tenha enfrentado tropeços em seu percurso, tais como conjunturas econômicas flutuantes, algumas instabilidades nas políticas exportação de carne, dificuldade em arrematar e imobilizar trabalhadores nas linhas de produção, os frigoríficos se fixaram na região e demonstraram efetivo potencial de inovar-se tecnologicamente, ampliar e elevar o controle sobre a produção da matéria-prima e intervir nas tratativas institucionais voltadas à subsídios e exportação a partir de suas associações patronais e bancada parlamentar.<sup>17</sup>

A principal razão que têm levado os haitianos a prioritariamente procurar emprego dos frigoríficos se deve a disponibilidade de vagas no setor que, por sua vez, pode ser explicada pelas características do trabalho realizado na linha de produção. Os frigoríficos estão entre os raros segmentos da economia que não impõem restrições à contratação de haitianos, exceto se alguma inaptidão física inviabiliza a realização das atividades na linha de produção. Em grande medida isso acontece porque o trabalho ali é considerado

---

<sup>16</sup>BAENINGER, R.; PERES, R. Migração de Crise: a imigração haitiana para o Brasil. In *REBEP - Revista Brasileira de Estudos de População*. V.34, n.1, p.119-143, jan./abr. 2017.

<sup>17</sup>BOSI, A.P. História das relações de trabalho na cadeia produtiva avícola no Brasil (1970-2000). *Revista de História Regional*.v.16, p.400-430. Ponta Grossa: UEPG, 2011; VARUSSA, R.J. Sindicalismo e trabalhadores em cooperativas no Oeste do Paraná (décadas de 1990 e 2000). *Revista Mundos do Trabalho*, v.4, p.163-177, 2012; HECK, F.M. Territórios da degradação do trabalho: a saúde do trabalhador em frigoríficos de aves e suínos em Toledo Oeste do Paraná. *Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*. v.9, p.48-66, Uberlândia: UFU, 2013; PEREIRA, F.G. Trabalhadores de frigorífico: trabalho, lazer e moradia, 1960-1980. (Mestrado). Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2014; MOREIRA, V.J. Agronegócio, trabalhadores rurais, sindicalismo: avicultura no Oeste do Paraná, 1970-2013. *História & Perspectivas*, v.55, p.243-270, Uberlândia: UFU, 2016.

duro e nocivo. Esta visão é dominante na região e formaliza uma realidade marcada de tarefas julgadas repetitivas, monótonas, enfadonhas, cansativas e extremamente perigosas porque expõem os trabalhadores ao risco de frequentes e graves lesões por esforço repetitivo.<sup>18</sup> Tais fatores provocam uma rotatividade superior a 100%, o que se desdobra em problema constante para recrutar trabalhadores.

Este *turnover* tem se mostrado sistêmico, o que leva os frigoríficos a recrutarem trabalhadores de lugares distantes para suprir essa crescente falta de mão de obra em função de taxas altas de desistência de trabalhadores. Um dos frigoríficos pode ser tomado como exemplo. Em 2008 foram admitidos 1341 trabalhadores e demitidos 1318. Em 2009 entraram 1795 e saíram 1602. Em 2010 a empresa contratou 1838 contra 1711 demissões. Nesses três anos as demissões realizadas a pedido dos trabalhadores atingiram 59,4%, 54,6% e 57,7% respectivamente. Noutros casos a demissão aconteceu devido a abstinência, abandono ou produtividade julgada insuficiente.<sup>19</sup>

Há casos em que o trajeto percorrido por ônibus que transporta empregados para as plantas produtivas ultrapassa duas horas. Em função disso, os frigoríficos adotam políticas de constituição e de ampliação de uma reserva de trabalhadores que substitua os desistentes. Isso não é fácil. Trabalhadores de vilas, distritos e municípios menores, num raio de 120 quilômetros, têm sido recrutados e transportados por frotas de ônibus que se alternam em dois ou três turnos. É uma estratégia que perde força a cada ano, pois os trabalhadores que saem do frigorífico não querem voltar. É nesse contexto que os haitianos aparecem *como parte* da solução para a escassez de trabalhadores. Eles estão dispostos a se empregarem nos frigoríficos. Em anos mais recentes, senegaleses e bengaleses vêm trilhando o mesmo caminho feito pelos haitianos.

Do ponto de vista dos haitianos a margem para escolherem ocupações no Brasil é pequena.<sup>20</sup> Mesmo aqueles que possuem algum aprendizado

---

<sup>18</sup> VARUSSA, R.J. (Org.) “*Eu trabalhava com dor*”. Trabalho e adoecimento nos frigoríficos. São Paulo: Paco Editorial, 2016.

<sup>19</sup> BOSI, A.P. Acumulação de capital e trabalho na agroindústria no Oeste do Paraná de 1960 a 2010. *História Unisinos*. V.20, p.95-106, 2016.

<sup>20</sup> Antes de seguir adiante apresento um breve esclarecimento acerca da organização e do uso das fontes orais neste artigo. Duas delas foram produzidas há aproximadamente oito anos e dizem respeito a experiências de trabalhadoras brasileiras que se lesionaram gravemente em frigoríficos. Elas foram exploradas e analisadas mais profundamente na publicação onde aparecem citadas. Uma decorre do trabalho de outro autor que a publicou na forma de documentário e, portanto, não seguiu nenhuma intenção e planejamento acadêmicos. Grande parte das informações sobre a presença de trabalhadores haitianos no Oeste do Paraná veio de entrevistas feitas nos anos de 2017 e 2018. Nesse caso, utilizei homônimos para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos, ou optei por não transcrever literalmente a narrativa. Por

profissional dificilmente conseguem atuar em suas áreas de formação. Embora haja razoável formalidade nos contratos de trabalho registrados nos marcos da CLT, o tipo de ocupação assumido por eles geralmente fica nas escalas julgadas inferiores do mercado de trabalho, como construção civil, serviços em restaurantes e frigoríficos. Este quadro se agrava em situações de crise econômica, quando o número de empregos regride. Nesses casos, a prioridade para preencher os postos de trabalho é de brasileiros. O encolhimento do mercado de trabalho no período de 2015 e 2016, por exemplo, atingiu haitianos mais do que brasileiros. Haitianos com melhor qualificação profissional também sofrem, particularmente os que chegaram no contexto da crise. Um eletricitista emigrado em 2015 não conseguiu vaga na construção civil nessa função. Procurou emprego durante meio ano, até cogitar o retorno ao Haiti para nova tentativa de migração.<sup>21</sup> Outro haitiano, formado em Direito no Haiti, chegou em 2014 ao Brasil e permaneceu mais de um ano desempregado. Apesar de preencher formulários em empresas e ser entrevistado, as respostas foram repetidamente negativas. Alguns entrevistadores do setor de Recursos Humanos chegaram a mencionar que era qualificado demais para as vagas.

No que se refere ao Oeste do Paraná, a principal porta de entrada para o mercado de trabalho é o frigorífico. Muitas vezes o ingresso no Brasil é feito com endereço definido. Um jovem, chegado aqui pela fronteira do estado do Amazonas em 2012, trouxe consigo um endereço impresso numa folha. Tratava-se de um e-mail que um amigo residente numa cidade no Oeste do

---

fim, sobre o método de interpretação e exposição das fontes, tentei compreender o processo histórico e a vivência de experiências como elementos sociais e, desse modo, tomados coletivamente. Esse tipo de entendimento está caracterizado como uma prática da história social do trabalho à medida que permite identificar e abordar a experiência da proletarianização, do empobrecimento ou da ascensão a partir do emprego, dimensão constitutiva das vidas dos trabalhadores. Nesse contexto, as experiências relacionadas no artigo expressam trajetórias biográficas cuja historicidade se articula em meio a condições comuns de exploração do trabalho ou, nesse caso, a condição de migrantes. Edward Thompson é a principal referência nesse esquema metodológico, e é ele também que sugere ultrapassar os limites biográficos das falas dos trabalhadores para alcançar o caráter coletivo dessas experiências. Ao mesmo tempo, este método ajuda a definir quais histórias devem ser apresentadas e discutidas no artigo. A escolha do material de pesquisa a ser exposto sempre busca a representatividade nas experiências contadas, as narrativas de haitianos sobre as condições específicas vividas na organização e realização da saída do país, sobre as afetividades deixadas no Haiti, sobre o que encontram no Brasil, sobre linhas conflituosas que atravessam e que sequer sabiam que existiam. De maneira geral, esse objetivo possibilita lidar com trajetórias individuais dos trabalhadores de modo a articulá-las em torno de pontos que configuram uma experiência comum. Este método está desenvolvido em THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, 3 v., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>21</sup> FAGUNDES, I. Desemprego no Brasil faz imigrantes voltarem aos seus países. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 11/10/2015. Caderno Mercado. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/10/1692697-desemprego-no-brasil-faz-imigrantes-regressarem-a-seus-paises.shtml?loggedpaywall#\\_=\\_](https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/10/1692697-desemprego-no-brasil-faz-imigrantes-regressarem-a-seus-paises.shtml?loggedpaywall#_=_). Acesso em 17 de jun. 2018.

Paraná lhe enviou. Com o endereço à mão, ele não fazia a mínima ideia de para onde precisava ir, mas sabia que um emprego no frigorífico o esperava.

Este trabalhador é expressão de grande parcela da população de haitianos no Brasil. Empregado e acolhido numa casa habitada por seu amigo e por outros haitianos, ele começou a poupar uma parte do seu salário e envia-la para sua família que ficou no Haiti. Esta prática é recorrente em todos os países onde moram haitianos. Relativamente a 2017, o Banco Mundial registrou que as transferências financeiras operadas por imigrantes haitianos para o Haiti foram responsáveis por 29,2% do Produto Interno Bruto daquele país.<sup>22</sup> Em 2009 os valores corresponderam a 21,2%, e em 2007, antes do terremoto, o índice foi de 18,2%.<sup>23</sup> Em 2007, aproximadamente 45% das residências haitianas tinha um membro da família vivendo no exterior.<sup>24</sup> Dois anos antes, 31% das famílias com parentes emigrados recebiam em média 150 dólares mensais enviados por algum familiar residente nos Estados Unidos.<sup>25</sup> Esses haitianos vivem pressões de todo tipo que têm sido recorrentemente sublinhadas como cruciais para fazê-los desistirem do Haiti (mesmo que temporariamente) e migrarem. Em contextos semelhantes a esse a migração tende a ser um recurso importante dentre o modesto repertório dos haitianos. Em síntese, geralmente os trabalhadores haitianos deixam o Haiti para trabalhar noutro país porque precisam sobreviver e conseguir algum dinheiro para a família que fica. Nesses casos, sair do país não significa exclusivamente fugir dele, mas lutar por ele, pelos familiares que ficam.

## 2. As relações de trabalho nos frigoríficos do Oeste do Paraná

As relações de trabalho que os haitianos encontram nos frigoríficos guardam muitas características do taylorismo. Tarefas repetitivas, processo de trabalho constantemente acelerado (apesar dos termos de ajuste de conduta – TAC – diminuírem o ritmo na linha de produção), uso de cronômetro para intervir na velocidade de cada tarefa, fiscalização permanente do desempenho dos trabalhadores, prêmios e bonificações devido a frequência, uma forma de combater o absenteísmo. Aqui interessa examinar dois temas bastante

<sup>22</sup> WORLD BANK. Personal remittances, received (% of GDP). Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/BX.TRF.PWKR.DT.GD.ZS> Acesso 19 Abr. 2018.

<sup>23</sup> CORBIN, H.P. Guyanese Migration and Remittances to Guyana: a case study of their potentials and challenges for Guyana's economy. (Doutorado) Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Universidade Federal do Pará. 2012.

<sup>24</sup> JADOTTE, op. cit.

<sup>25</sup> OROZCO, op. cit.

explorados e articulados entre si, as relações de trabalho e o adoecimento. As primeiras publicações sobre essa dimensão da realidade apareceram por volta de 2005.<sup>26</sup>

Algumas dessas pesquisas subsidiaram material de informação a respeito de doenças do trabalho desenvolvidas em diversas tarefas executadas nos frigoríficos denominadas LER (Lesão por Esforços Repetitivos) e DORT (Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho). Tais estudos estiveram sintonizados com ações do Ministério Público do Trabalho direcionadas para eliminar os riscos dessas doenças e ajustar os ritmos da produção. Desse ponto de vista, tem havido considerável investimento acadêmico para ouvir trabalhadores ocupados nos frigoríficos, trabalhadores afetados por LER e DORT e trabalhadores inteiramente inservíveis para qualquer atividade manual. Pode-se falar também numa agenda de pesquisa que tem priorizado as experiências vividas pelos trabalhadores relativamente ao trabalho nos frigoríficos.

Numa direção oposta há estudos que apresentam o trabalho nos frigoríficos e no agronegócio na região a partir da noção de desenvolvimento econômico regional.<sup>27</sup> A produção acadêmica identificada com essa pauta tem se movido a partir de preocupações esboçadas pelo setor do agronegócio,

---

<sup>26</sup> FINKLER, A.L. *Os problemas de saúde dos trabalhadores e a relação com o processo de trabalho em frigoríficos*. 2007. 95 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Enfermagem. Cascavel. Universidade Estadual do Oeste do Paraná; BOSI, A.P. *Corpos feridos, trajetórias interrompidas pela agroindústria brasileira: duas leituras a partir de Bertolt Brecht e Upton Sinclair*. *Varia História*, v. 30, p. 571-592, 2014; CÊA, G.S.S. & MUROFUSE, N.T. Associação dos portadores de LER (AP-LER) na luta pelos direitos dos trabalhadores de frigorífico do Oeste do Paraná. In TUMOLO, P.S. & BATISTA, R.L. (Orgs.) *Trabalho, economia e educação: perspectivas do capitalismo global*. Maringá: Práxis, 2008, pp.421-436; EBERHARDT, L.D.. et.al. *Imigração haitiana em Cascavel, Paraná: ponto de convergência entre história(s), trabalho e saúde*. *RBCS*. Vol.42, n.118, jul./set. 2018, p.676-686. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>; FAGNANI, L. *Trabalho e trabalhadores na avicultura: experiências de operários na unidade de produção de pintainhos, Cooperativa Agroindustrial Lar*, 2006, 2013. (Mestrado). Dissertação submetida ao PPGH. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2014; GEMELLI, D.D. *Mobilidade territorial do trabalho como expressão da formação do trabalhador para o capital: o frigorífico de aves da Copagrif de Marechal Cândido Rondon/PR*. (Mestrado). Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2011; GRANDO, G.D. *Luta de classes, trabalhadores e frigoríficos em Cascavel-PR, 1980-2015*. (Mestrado). Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2017; HECK, F. *Degradação anunciada do trabalho formal na Sadia, em Toledo (PR)*. (Mestrado) Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP, Campus de Presidente Prudente. 2013; MOREIRA, op. cit.; PEREIRA, op. cit.; SILVA, G.R.A. *A pobreza e a dinâmica espacial do trabalho nos frigoríficos de aves no Oeste Paranaense*. (Mestrado) Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2014; VARUSSA, R.J. op. cit.

<sup>27</sup> LIMA, Jandir F.. *Dispersão espacial e alocação do emprego nas atividades produtivas das microrregiões paranaenses*. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. UNIOESTE. Toledo/PR, 2007, 21 p. Acesso 2 Mai. 2009. <<http://www.unioeste.br/mdra/>>; IPARDES. *Arranjos produtivos locais e o novo padrão de especialização regional da indústria paranaense na década de 90*. *Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social*. Curitiba: IPARDES, 2003. 95 p. Acesso 29 Abr. 2009.

endereçadas a tornar este segmento mais competitivo. Ela tem ajudado a divulgar a ideia de que a agroindústria é a principal responsável pelo desenvolvimento econômico e geração de empregos na região. Cabe avaliar criticamente esta posição. Por um lado, a noção de desenvolvimento referido nesses trabalhos ignora a condição dos trabalhadores como componente de suas investigações. Seu principal argumento é de natureza econômica. Afirmam que a acelerada inovação tecnológica ocorrida na região (máquinas, insumos, sementes híbridas, melhoramento genético de suínos e de frangos etc.) tem sido responsável por produzir uma riqueza improvável noutros tempos e noutras condições, se não estivesse sob o comando do setor de agronegócio.

Essa produção acadêmica possui uma inspiração ideológica cujos efeitos rejeitam o diálogo com ideias e práticas voltadas para a economia da região que não sejam as da monocultura em grandes extensões assistida por máquinas, agrotóxicos e demais insumos fabricados por multinacionais. Também por esse motivo os trabalhadores são tratados como variáveis dentro de equações que buscam definir vantagens competitivas relativamente a outras economias regionais que se equivalem ao Oeste do Paraná. Numa linguagem aparentemente neutra é dito que essa dinâmica teria mudado o mercado de trabalho de modo a torna-lo continuamente promissor e atrativo para os trabalhadores. Trata-se de uma narrativa eficiente. Ela se estrutura em imagens planejadas para viabilizar a acumulação e a reprodução do capital. Ao mesmo tempo esse desenho imponente de plantas produtivas funciona como uma barreira social estruturada por pontos que ativam a memória para lembrar o lugar de cada um na estrutura produtiva e na sociedade. Pode ser encarado como uma alienação planejada. Muitos haitianos entrevistados se disseram espantados com o tamanho dos frigoríficos, com a fachada, com a linha de produção, com caminhões de frangos entrando e saindo, com a larga extensão do pátio para estacionamento lotado de bicicletas, motos e carros, com os refeitórios, enfim, não tiveram experiência como essa. Simultaneamente, esse sentimento se articula à ideia de riqueza da região e funciona como uma miragem de prosperidade para os trabalhadores.

Tudo isso é uma experiência direta e, em alguma medida, tende a forçar a filiação de trabalhadores à ética do desenvolvimento. O contrário também é verdadeiro, como mostram centenas de ações judiciais de trabalhadores contra frigoríficos reclamando reparos e denunciando diversos tipos de negligência das leis trabalhistas. Mas em ambos os casos, a impressão muitas vezes semelhante a de um arranha-céu, estabelece uma distância entre os observadores e o objeto observado que funciona para reforçar a manutenção

da ordem social. Esta experiência também pode ser vivida como exploração e se transformar em resistência política. No caso desses frigoríficos, há poucos registros disso. O que frequentemente os haitianos manifestam é um assombro com o lugar onde vão trabalhar e uma ambivalência enfrentada cotidianamente. Por um lado, o emprego no frigorífico é percebido também como uma experiência negativa uma vez que o trabalho é duro, extenuante e perigoso. Por outro lado, eles recebem salário em dia e alguns benefícios que no Haiti sequer existem, fato que permite realizar uma poupança com a finalidade de enviar dinheiro para a família que ficou.

A respeito dos riscos encarados na linha de produção há dois relatos datados de 2013 e 2014 que são representativos e mostram a situação limite de trabalhadores que perdem a saúde no trabalho. Os haitianos se deparam com esse quase destino. Tais casos tem sido registrados e discutidos em ambientes e periódicos acadêmicos e atividades de interesse público externas à universidade.

Nos frigoríficos, os trabalhadores são pressionados constantemente a agirem com destreza e rapidez na linha de produção, que são também os lugares de maior periculosidade para a saúde dos trabalhadores. Lourdes trabalhou mais que uma década na desossa do frango. Lentamente, a repetição dos movimentos lhe feriu as articulações e perdeu a força nos dois braços. Tão grave quanto isso foi a depressão que tomou conta de seu espírito. No último ano em que trabalhou no frigorífico, Lourdes dormia menos que 5 horas. Acordava de madrugada para o trabalho, voltava pra casa em tempo de preparar o almoço e depois limpar a casa e lavar a roupa da família. Quando terminava, já no final da tarde, se organizava para uma jornada escolar que se estendia até as 23 horas, uma exigência da empresa para conquistar o selo de qualidade total. Durante a entrevista, sua narrativa foi um aviso de desistência contra o qual lutava a família. Uma ação trabalhista contra o frigorífico tramitava na justiça. Exigia reparações para um caso irreparável. Lourdes sabia disso, a família sabia disso, o advogado sabia disso e o frigorífico sabia disso.

Igualmente a Lourdes, Jussara trabalhou durante 10 anos em frigorífico de aves no Paraná. Mãe de três filhos e com contas para pagar, suportou as dores no braço começadas com três anos seguidos na linha de corte. Logo se viu numa rotina de antiinflamatórios e analgésicos, mas disse nunca ter faltado ao trabalho, receosa de ser demitida. A partir de oito anos naquele trabalho Jussara manifestou dores intoleráveis. Encaminhada ao médico recebeu receitas de mais antiinflamatórios e analgésicos, sem diagnóstico para as dores. Foi apenas quando não conseguiu manusear a faca que Jussara decidiu, por

conta própria, realizar exames de imagem da parte dolorida. Descobriu que seu braço estava irremediavelmente atrofiado, inutilizado para qualquer tipo de trabalho. Iniciava ali uma batalha judicial para conseguir alguma reparação da empresa. Jussara tinha apenas 38 anos.<sup>28</sup>

Nessa mesma linha, Michael Merrill propõe avaliar o adoecimento causado pelo trabalho utilizando a bizarra biografia de Gregor, protagonista de “A Metamorfose”. Merrill sugere analiticamente que Franz Kafka contabilizou sutilmente o custo de se perder energias vitais para um trabalho sem sentido, embora consentido. O personagem da ficção é um caixeiro viajante. Um dia ele acorda transformado num inseto gigante. Sem estranhar o fato, ele mantém sua rotina com a família e o trabalho. Sua preocupação é não se atrasar para o trabalho, nem perder o emprego. Ser um inseto não o incomoda, embora progressivamente o impeça de sair de casa e trabalhar. Sendo arrimo da família, sua improdutividade obriga os familiares ao trabalho. Nessa nova situação, Gregor é confinado ao seu quarto, escondido de inquilinos que se mudam para a casa. O aluguel pago pelos novos moradores passa a ser a principal renda da família. O final trágico com Gregor morto por inanição, nos faz pensar, com poucas alternativas para interpretação, que a metamorfose é um caminho sem volta para o medo, o bestial, a solidão, o desumano. Um homem que se transforma em inseto, que perde a condição humana, que se vê obrigado a se enjaular no próprio quarto porque se torna incapaz e cheio de vergonha.<sup>29</sup> Esta metáfora ajuda a entender alguns dos sentimentos de trabalhadores cujas energias foram drenadas por um tipo de trabalho na linha de produção dos frigoríficos. Lá, a repetição de movimentos com as mãos, 60, 70, 80 vezes por minuto, corrompe os ligamentos, atrofia a musculatura, provoca dores que requerem fortes analgésicos e anti-inflamatórios. Isso é feito em meio a condições térmicas insalubres. Embora as Normas Reguladoras as definam em 10°, relatos de trabalhadores e de ações do Ministério Público do Trabalho registram temperaturas bem abaixo disso. Este quadro se torna mais relevante quando é comparado à realidade do trabalho nos grandes frigoríficos instalados em Chicago/EUA, no início do século passado, cujas piores características cem anos atrás se igualam às de hoje.<sup>30</sup> Sem saber quando ou como,

<sup>28</sup> BOSI, op. cit.

<sup>29</sup> KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. São Paulo: Mediafashion, 2016.

<sup>30</sup> BARRETT, James R. *Work and Community in the Jungle. Chicago's Packinghouse Workers, 1894-1922*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1990; BRODY, David. *The Butcher Workmen. A study of unionization*. Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts, 1964; HALPERN, R.; HOROWITZ, R. *Meatpackers. Na oral history of black packinghouse workers and their struggle for racial and economic equality*. New York: Monthly Review Press, 1999; PACYGA, Dominic A. Chicago: Slaughterhouse to the World. In LEE, Paula

muitos trabalhadores escorregam rapidamente para a experiência de Gregor. O argumento de Kafka pode ser referido genericamente aos trabalhadores, ajudando a compreender como o trabalho precário torna as pessoas inservíveis, a exemplo do que acontece nos frigoríficos

Por outro lado, há aspectos importantes que compõem o trabalho nos frigoríficos e que funcionam de maneira ambígua. A remuneração é o principal deles. A maioria dos trabalhadores recebe um salário mínimo estipulado para quem é ocupado na produção de bens e serviços industriais, indexado pelo estado. No caso do Paraná, os valores referentes aos últimos 10 anos têm superado, em média, 20% do salário mínimo nacional. Para 2018, por exemplo, o valor do salário para esta categoria de trabalhadores foi definido em R\$1.339,00, em torno de 10% acima da média nacional para o setor e 20% acima do salário mínimo nacional. Nessa conta, além da contribuição compulsória para o INSS e o Seguro de Vida, são descontados alimentação, mensalidade da Associação Recreativa, transporte de trabalhadores, a contribuição sindical (assinada junto ao contrato de trabalho) e a contribuição negocial associativa decorrente de acordos de dissídio coletivo realizados pelo sindicato cuja representação se faz na empresa ou na base territorial. Tudo isso totaliza aproximadamente 20% do valor bruto do salário. Quando perguntados sobre isso, muitos trabalhadores nativos da região compararam este valor com salários de outras empresas (micro e pequenas empresas) e argumentaram positivamente que nos frigoríficos havia “carteira assinada” e garantia de “pagamento em dia”, fatores não assegurados plenamente noutros empregos.

Para os haitianos este é o ponto mais importante. Geralmente estavam desocupados (ou ocupados precariamente) no Haiti antes de saírem de lá. Muitos têm seus sentimentos compromissados com o sustento da família e, por isso também, buscam alguma alternativa, enxergada na migração.

### 3. Perdidos na Tradução

Há na história do Haiti uma tendência a migração motivada estruturalmente pela pobreza. Todas as vezes que a acumulação de capital reconfigura as relações de trabalho desfavoravelmente aos trabalhadores parte da população considera a migração como alternativa para escapar às pressões econômicas e sociais. Muitas vezes essa emigração acontece porque a região de origem tem uma economia menos dinâmica do que a região de destinação. Existe nessa

---

Y. (Org.) *Meat, Modernity, and the Rise of the Slaughterhouse*. Durham, New Hampshire: University of New Hampshire Press, p.153-166, 2008.

diferença uma oferta de renda também diferente que faz os trabalhadores ponderarem a respeito de partir ou ficar.<sup>31</sup>

Essa é uma prática encontrada noutros países e que se repete em deslocamentos tanto internacionais quanto regionais. Mover-se em busca de melhores condições de vida ainda é um componente importante na decisão de pessoas ou famílias que migram. É uma experiência comum, o que não significa que seja sentida e percebida de uma mesma forma. Jean, um haitiano de 23 anos, empregado em frigorífico, veio para o Brasil depois de ter passado pela Bolívia. Seus irmãos mais novos com 17 e 21 anos de idade ficaram com a mãe e o pai. Nesse caso não foi um acerto familiar a estabelecer quem viria e quem ficaria. A decisão de ir ou ficar aconteceu no contexto de um país devastado, de lugares e existências assoladas. Jean se perguntou como suportaria uma realidade insustentável. Olhando para sua família e ouvindo notícias de seus amigos no Brasil ele avaliou seu próprio repertório de recursos e se arriscou a viajar. Hoje envia uma parcela do salário para a família. Contudo, agora sua vida tem uma complexidade difícil de deslindar, diz ele. Não se sente brasileiro, tampouco haitiano. É um pouco dos dois. Se mostra com roupas coloridas, escuta músicas caribenhas no headphone e é presença garantida em todas as festas organizadas pela associação de haitianos.

Muitos haitianos na região têm construído espaços de sociabilidade cuja utilidade é reproduzir práticas, costumes e preferências musicais trazidas do Haiti. É o caso de trabalhadores na cidade de Cascavel/PR, que criaram a Associação Haitiana de Cascavel/PR, em abril de 2014. O evento contou com aproximadamente 80 trabalhadores. A matéria intitulada “Haitianos se unem em Associação”, define os haitianos como refugiados e destaca a narrativa do líder Marcelin Geffrard sobre as dificuldades criadas pelo desconhecimento do idioma, a recusa frequente em contratá-los de acordo com sua formação profissional e o preconceito (ilustrado por obstáculos em alugar imóveis).<sup>32</sup>

Embora a ordem desses itens apresentada na matéria necessariamente não reflita a disposição das prioridades pretendida por Geffrard, evidências que aprovam essa situação relatada são comuns nas queixas dos haitianos. Esses assuntos também foram sublinhados por agentes institucionais que ajudaram, estimularam e apoiaram a organização do evento e da associação. A Igreja Episcopal Anglicana com sede em Cascavel foi a primeira instituição a

<sup>31</sup> PIORE, M.J. *Birds of Passage: migrant labor and industrial societies*. Cambridge University Press, 1979.

<sup>32</sup> CAMPOS, Marcela. Haitianos se unem em associação. *Entrelinhas*. Gazeta do Povo. Cascavel, 14/04/2014. Disponível <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/entrelinhas/haitianos-se-unem-em-associacao-9503qbqye49sdf0slklnrp6by/> Acesso 7 out. 2017.

ouvir os haitianos a respeito de suas reclamações e a colaborar na estruturação de uma agenda constando reivindicações e ações para realiza-las. E este não é um caso inaugural na atualidade. A participação institucional religiosa no apoio aos haitianos tem paralelo, por exemplo, nos Estados Unidos, em New York e Miami. Por diferentes caminhos, trabalhadores haitianos encontraram acolhimento em duas paróquias da Igreja Católica dispostas a recebe-los.<sup>33</sup>

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná, por meio da Pró-Reitoria de Extensão, atuou igualmente na constituição de cursos da língua portuguesa voltados para haitianos. A presença da universidade se deu ainda na área da saúde, por demanda desses trabalhadores. Um dos registros sobre essa relação data de fevereiro de 2016, quando, em evento patrocinado pela Pró-reitoria e Hospital Universitário, profissionais da saúde e haitianos discutiram diferenças culturais e técnicas envolvendo as duas culturas. O predomínio do parto normal no Haiti levou muitas mulheres a estranharem a cesariana como método preferencial. Essa atividade somou-se a outras articuladas conjuntamente pela Igreja Episcopal Anglicana, UNIOESTE e o mandato do vereador Paulo Porto, da Câmara de Cascavel.<sup>34</sup>

O mapeamento dessas ações indica iniciativas dos haitianos para construção de uma rede de proteção social e cultural na região. Esse empenho, visível na imprensa e ajudado por instituições e diversos sujeitos políticos, se desdobra, fundamentalmente, da experiência do trabalho ou da ausência deste. Ao mesmo tempo, quando chegam ao Brasil, ao Oeste do Paraná, e se encaminham para os frigoríficos, os haitianos encontram lá relações de trabalho estruturadas que condicionam sua presença.

Parte da trajetória de Jean e Geffrard possibilita identificar problemas que afetam as intenções dos haitianos de se fixarem no Brasil. Primeiramente, elas aparecem como decisões individuais, traduzidas de experiências inescapáveis, materializadas na necessidade de trabalho e no tipo de conexão pretendido com os nativos. Em seguida, tais ações se mostram dentro de um repertório coletivo cujo denominador comum é a própria experiência compartilhada.

---

<sup>33</sup> McALISTER, E. The Madonna of 115th Street Revisited: Vodou and Haitian Catholicism in the Age of Transnationalism. In WARNER, R.S.; WITTNER, J.G. (ed.) *Gatherings in Diaspora. Religious Communities and the New Immigration*. Philadelphia: Temple University Press, 1998, p.123-160; REY, T.; STEPICK, A. Refugee Catholicism in Little Haiti: Miami's Notre Dame d'Haiti Catholic Church. In STEPICK, A; REY, T; MAHLER, S. (ed.) *Churchs and Charity in the Immigrant City. Religion, Immigration, and Civic Engagement in Miami*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2009, p.72-91.

<sup>34</sup> UNIOESTE. Central de Notícias. Palestra diminui barreiras entre profissionais do HUOP e haitianos. 12/2/2016. Disponível <https://www5.unioeste.br/portal/maisnoticias/38493-palestra-diminui-barreiras-entre-profissionais-do-huop-e-haitianos> Acesso em: 27 ago. 2017.

São ações avulsas que, ao mesmo tempo, correspondem a experiências que delimitam a vida dos demais haitianos: conseguir um emprego e criar estratégias que os ajudem a sobreviver num mundo que lhes é estranho. É desse modo que a presença desses trabalhadores entra em nosso campo de visão, como expressão da imigração e da busca por trabalho na região.

Uma leitura que ajuda a abordar as experiências centradas na imigração e no trabalho industrial (exploração, salário, disciplina etc., ou a desocupação) é clássica e diz respeito a duas perspectivas históricas em torno da presença de trabalhadores haitianos nos frigoríficos instalados no Oeste do Paraná. A primeira delas é organizada a partir de interesses econômicos das classes dominantes locais que, por óbvio, encaram os haitianos exclusivamente como força de trabalho. Simultaneamente, a diferença étnica e cultural entre os nativos e os haitianos é tomada por setores das classes dominantes como uma forma de estereotipar e demarcar espaços destinados a cada um deles. É uma operação ideológica que se prende às ideias dominantes e que é disseminada com relativo sucesso entre diversos segmentos da sociedade. É um preconceito premeditado. Ao mesmo tempo é uma contradição porque as classes dominantes querem a força de trabalho dos haitianos, mas não querem sua presença na cidade, sua cor, suas roupas, sua cultura, exceto como consumidores.

A segunda perspectiva decorre das experiências vividas pelos haitianos nos frigoríficos e fora deles, especialmente o estranhamento em relação ao outro, as sociabilidades desenvolvidas e confinadas em grupos de haitianos, as formas de manutenção de seus costumes e religiosidade, os sentimentos e afetividades ligados a imigração. Há uma tensão social e de classe entre o que pretendem setores das classes dominantes e o que pensam e vivem os trabalhadores haitianos. Uma forma de equacionar essa tensão é pensar que esses trabalhadores vivem tais experiências sob pressão do capitalismo.<sup>35</sup> O que os haitianos ocupados nos frigoríficos encontram pelo caminho é algo semelhante a uma “matéria escura”, em relação à qual o improvisado é uma forma de sobrevivência tanto quanto de organização política. Portanto, o problema é saber como esses trabalhadores decifram essa escuridão.<sup>36</sup>

Nessa direção, a ideia “Lost in Translation”, geralmente utilizada na literatura como uma metáfora para expressar a complexa situação de imigrantes, pode ser um ponto de observação sobre o repertório de recursos

<sup>35</sup> THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*, 3 v., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>36</sup> MERRILL, M.; SCHURMAN, S.J. Toward a general theory and global history of workers' education. In *International labor and working-class history*. N.90, fall, 2016, p.5-11.

que os haitianos contam para lidar com a solidão do desterro.<sup>37</sup> Nesse ângulo é possível mapear e abordar aspectos da presença dos haitianos na região que tem sido pouco vigiados pela literatura acadêmica. “Lost in translation” guarda esta característica, principalmente quando se trata de pensar as dificuldades de um imigrante que se desdobram do desconhecimento da língua e dos costumes alheios.<sup>38</sup>

“Estar perdido na tradução” inicialmente significa uma situação mais complexa do que não saber a língua nativa. É certo que a incapacidade de se comunicar cria limitações e problemas que nem sempre são solucionados ou amenizados por uma boa alma que se disponha ao papel de intérprete. Os primeiros haitianos tiveram maior tempo para se familiarizarem com o português falado no Oeste do Paraná e, nessa condição, puderam antecipar as palavras e frases básicas para outros que chegaram. Ensinaram, e ainda ensinam, como funcionam os caixas eletrônicos do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal para a realização de transferências financeiras rumo ao Haiti. Ensinam a lógica da compra no crediário, com cartão de crédito, ou sem ele. No Haiti só se compra a vista, disseram. Com isso, pode-se entender alguns dos prejuízos de estar perdido na tradução. Por outro lado, o desconhecimento da língua e dos direitos sociais acarreta prejuízos aos haitianos. Eles não têm recursos para interpretar documentos nos quais as empresas pedem suas assinaturas. Em rescisões contratuais, por exemplo, há relatos de trapanças.

Estar a deriva significa também ter de se traduzir para dimensões que requerem compreensão urgente nesse mundo ainda ilegível para os haitianos. Saber como se comportar em lugares públicos ou o que fazer para evitar ser ameaçado ou ser visto como ameaça são problemas enfrentados cotidianamente que podem se apresentar, por exemplo, quando um ou mais haitianos vão aos supermercados nas cidades da região. Eles são negros, geralmente altos, em roupas coloridas, quase sempre com fones de ouvido, apreciando as mercadorias mais do que as comprando. São vistos com reprovação e desconfiança. Existe um contraste estético que distancia os nativos dos haitianos. Com exceções, os nativos e estabelecidos na região tornam a pele negra um entalhe racista. Um entalhe racista e xenófobo.

---

<sup>37</sup> RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Cia das Letras, 2009; DANTICAT, Edwidge. *Adeus, Haiti*. Rio de Janeiro: Agir, 2010; KOWOK, Jean. *Garota Traduzida*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011; FINKIELSZTEJN, Débora. *O Alfaiate Polonês*. Rio de Janeiro: Babilonia Cultura Editorial, 2016; ERPENBECK, Jenny. *Go, Went, Gone*. Translated by Susan Bernofsky. New York: A New Directions Book, 2017.

<sup>38</sup> DUBORD, Elise M. *Language, Immigration and Labor*. Negotiating work in the U.S.-Mexico Borderlands. New York: Palgrave Macmillan, 2016.

Os haitianos chegam ao Oeste do Paraná, diretamente ou depois de trabalharem noutro lugar, com pouco ou nenhum dinheiro, e minguados pertences pessoais. Trazem consigo expectativas ainda irrealizadas, e talvez sem horizonte real para efetiva-las. Em grande medida chegam *sem nada*. Em nossa língua a palavra “sem” funciona como uma preposição essencial, empregada para representar o sentido de perda e de ausência. Muitas vezes seu uso social expressa a histórica desigualdade fundada pelo capitalismo. Há trabalhadores sem-terra, sem-teto, sem-direitos. É uma condição que corta o mundo. De qualquer forma, existe um aprendizado nessa experiência.

A resistência política, quando acontece, é resultado desse aprendizado. Há evidências ligadas a organização de trabalhadores haitianos na região. Na principal cidade do Oeste eles criaram uma associação centrada na proteção dos haitianos, proteção contra a sonegação de leis trabalhistas, proteção aos trabalhadores recém-chegados do Haiti, proteção ao direito de se manifestarem conforme sua cultura. Isso lhes dá melhores chances de resistir e combater pressões econômicas e sociais, embora seu primeiro esboço decorra de valores herdados e aprendidos na luta, o que não significa imediatamente a formação de uma classe talhada para desafiar o capitalismo. Eles, igualmente a outros trabalhadores, enfrentam uma enorme área de sombra. Podem ficar ali durante uma vida inteira, ou saírem em busca de algum posicionamento que implique mudança. Nem luz nem escuridão. Será sempre uma escolha difícil.

As heranças importam muito para eles e funcionam para orientar suas ações. É verdade que em terra estranha algo na memória pode ser recalçado. Às vezes se revela inútil ali. Mas de qualquer forma, esses trabalhadores tendem a se reconfigurar onde lhes *falta* algo. Nunca permanecem os mesmos. Experimentam a solidão. Não a desconheciam no Haiti. Mas agora se trata de um sentimento novo e muitos têm medo de que esse estado se eternize. Eles tentam enfrentar essa dinâmica juntando-se numa associação ou dividindo uma casa para morar, uma iniciativa que podemos identificar em imigrantes de outros países desde o final do século XIX.<sup>39</sup>

Há uma metáfora que explica bem uma dimensão desse processo. Em grande medida, os imigrantes encontram um espaço vazio acima do solo onde caminham sem conseguirem fixar ali seus costumes, suas memórias. E como

---

<sup>39</sup> OLIVEIRA, L.L. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002; TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*. Um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989; PARMET, Robert D. *Labor and immigration in industrial america*. Malabar, Florida: Robert E. Krieger Publishing Company, 1987; Guerin-Gonzales, Camille. *Mexican Workers and the American Dream: Immigration, Repatriation, and California Farm Labor, 1900-1939*. New Brunswick, NJ.: Rutgers University Press, 1994.

ficam perdidos na tradução da língua, do lugar, são eles próprios traduzidos.<sup>40</sup> Traduzidos pelo capital.

Jenny Erpenbeck tornou essa dimensão da realidade bastante palpável a partir de uma ficção, de um “romance social”, onde explorou os limites da presença de refugiados africanos na Alemanha, imediatamente após a unificação feita em 1991. Migrar geralmente é uma busca por socorro. Espera-se deixar toda a desgraça para traz quando se chega ao destino. Mas a frustração intercala essa experiência e a torna interminável. Nunca se deixa de ser um refugiado, um imigrante. A narrativa dos migrantes interrogados por Jenny, em seu trabalho de pesquisa para o livro, é uma história inacabada. Isso acontece porque tais narrativas *juntam* distintos contextos históricos. Em grande medida essa composição decorre do estranhamento que acompanha os refugiados. A cor da pele não é a certa, a religião não é a certa, os costumes não são os certos, a língua não é a certa. O estranhamento tende a ser uma constante. Diminui com o tempo, mas não desaparece. O manejo incorreto da linguagem é um mal sinal. Até o simbolismo dessa imperfeição é grande.<sup>41</sup> Os haitianos, igualmente a outros imigrantes, para facilitar a comunicação, tendem a simplificar a expressão verbal da língua portuguesa eliminando palavras, dispensando os verbos auxiliares e reduzindo os tempos verbais: eu fez, eu está etc. A respeito de refugiados africanos, Erpenberg escreveu que eles se viram apenas com um verbo, e que podem ser pensados iguais aos verbos que usam, solitários.

Situações como essas podem ser percebidas e experimentadas quando se conversa com haitianos nessa condição de aprendizado da língua. As tentativas de traduzirem a si mesmos são imediatamente arruinadas. Muitas vezes elas se apresentam sob a forma do silêncio. Vagarosamente a frustração é superada pela insistência em se comunicar. Os danos são causados de ambas partes, o que nem sempre é óbvio, pensar numa deficiência mútua. De qualquer modo, a comunicação pode fracassar na compra de uma roupa ou numa entrevista acadêmica. Ninguém está bem equipado para um encontro desses.

Onde vivem no Oeste do Paraná, não é raro encontrar haitianos frequentando cursos de línguas preparados para eles, ou matriculados nas turmas do Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Esses trabalhadores têm interesse maior em conversar e ouvir as perguntas feitas. Com paciência e curiosidade de ambos lados é possível ouvir narrativas importantes sobre a imigração, o trabalho, as

---

<sup>40</sup> KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

<sup>41</sup> ERPENBECK, op. cit.

expectativas e o tempo passado. Na verdade, o curso da conversa ora é lento, trôpego, ora é acelerado, em disparada. A renovação do visto é conseguida com facilidade, em Foz do Iguaçu ou Guaíra/PR. Mas o aprendizado da língua é um obstáculo comum. Dominar a língua portuguesa, mesmo que rudimentarmente, ajuda a enfrentar o caos que descrevem quando falam sobre a experiência de viver numa zona intermediária – ou vista assim –, entre o Haiti e o Brasil. Entendo que é quase instintiva a tentativa de organizar esse caos, mas há um método forjado por eles para lidar com essa realidade. Protegem a cultura que trouxeram do Haiti (de modo improvisado, fragmentado) e, ao mesmo tempo, buscam se apropriar de valores encontrados no Brasil. O trabalho é o principal elemento a que são confrontados. Eles podem se equivocar no uso da língua, no manejo dos costumes, mas no trabalho a disciplina e os códigos devem ser rapidamente apreendidos e internalizados. É uma condição de permanência e, ao mesmo tempo, de conexão e de sobrevivência da família deixada no Haiti. Exatamente neste ponto qualquer desencontro com o trabalho é um pesadelo para eles.

A conta que eles fazem para garantir a remessa de recursos para a família implica certas decisões. Eles precisam economizar em tudo que puderem. O aluguel é o item mais significativo nessa contabilidade. Há casas antigas (ou desgastadas) para alugar, de preço baixo devido à localização, com três ou quatro quartos, um ou dois banheiros, que atendem seu interesse. Casas com quatro quartos podem ser ocupadas por 10 ou 12 pessoas, mas este tipo de divisão do espaço cria problemas ligados à privacidade de todos. A convivência na casa, mesmo quando uma parte dos moradores trabalha em turnos diferentes, é congestionada e difícil. Um haitiano disse que moram em repúblicas, iguais a estudantes, não em casas, como famílias. Esta forma de se organizarem é dominante, mas há práticas recessivas que não apresentam tais problemas. Não é incomum escolherem pensões que cobram mensalidades baratas – dentro do orçamento desses trabalhadores. Neste caso, um quarto pode ser dividido entre dois ou três haitianos. Em número bem menor encontramos casais vivendo em pequenos apartamentos ou em casas modestas, às vezes com filhos. Alguns desses se apresentam como muçulmanos e trabalham no abate de frango para a produção de carne “halal”, exportada. Nesse caso, haitianos que se declaram muçulmanos se colocam na mesma condição que os demais muçulmanos senegaleses, bengaleses e serra-leoninos.

Haitianos jovens e solteiros, que não enviam dinheiro com regularidade para suas famílias, consomem o que economizam, principalmente com roupas de grife e tênis adquiridas por meio do crediário das lojas. A relação com os

lojistas não é ruim porque as dívidas tendem a ser devidamente quitadas, sem atraso. Isto se aplica às cidades menores, onde o tipo de artigo que interessa os haitianos é vendido por meio de crediário próprio da loja. Nesses casos, a honestidade é um traço que caracteriza esse tipo de relação, mas não é capaz de apagar as características negativas atribuídas a eles. Além de roupas e tênis, fones de ouvido bluetooth e bicicletas são prioridade. Uma estimativa indica que eles gastam entre 20% a 30% de seus salários com essas mercadorias.

Por óbvio, o desejo de consumo não é exclusividade deles. No contexto da economia haitiana esse tipo de gasto se mantém reprimido. No Brasil, a experiência do consumo para os haitianos (na escala permitida pelo valor de seus salários e da economia realizada com eles) libera – ou realizada – esse desejo reprimido. Pode-se avaliar isso como uma ascensão social e econômica, embora aqui eles estão situados num grau bastante subalterno da sociedade e do mundo do trabalho. Contudo, a nova condição desses haitianos (emprego e remuneração estável) tem um peso importante na decisão de permanecerem trabalhando nos frigoríficos. Trata-se, é claro, de escolhas limitadas por circunstâncias que eles encontram, independentes de sua vontade. Uma tendência é se reproduzir nesse contexto e atender esses desejos uma vez que o salário recebido e os arranjos constituídos para economizar dinheiro consolidam temporariamente a concretização de suas aspirações de consumo.

#### **4. Considerações Finais**

Os sentimentos dos haitianos que sublinhei são encontrados em trabalhadores de outros países que migram em condições parecidas. Sabe-se disso lendo narrativas jornalísticas, romances e literatura acadêmica. Mas há especificidades que tentei mostrar, dentro de uma visão abrangente formada pela presença do capital. Todas merecem aprofundamento e uma delas têm destaque nesta parte final do texto.

A pobreza desses trabalhadores é retrospectiva. Muitos comparam o que conseguiram aqui com o que não foi possível conquistar no Haiti. Eles têm pensado e vivido suas experiências num contexto que oscila entre a hostilidade e alguma realização pessoal que antes seria improvável. Esta chave de análise tem imenso terreno para explorar em diversas direções.

Empiricamente essa questão pode ser posta assim. Embora o salário pago nos frigoríficos nos pareça bastante magro, os haitianos fazem o possível para que sobre uma ponta dele para enviá-la a sua família. Ao mesmo tempo eles alimentam um sonho de abundância comparando o que conseguiam no Haiti e o que conseguem aqui. Quando vão aos bancos eles reforçam a ideia de

que pertencem ao Brasil, ou a região. Mas é difícil saber se desejam ficar ou voltar porque esta não é uma resposta simples. No mínimo ela opõe a família de um lado – no Haiti – e melhores condições de vida – no Brasil. Eles não podem levar o emprego e o salário aonde seu afeto está.

Não descobri como tentarão resolver isso, mas, em ficando aqui, há uma disposição de transbordar a expectativa financeira para alcançar outros desejos. Sua presença foi acolhida pelo capital organizado nos frigoríficos, e isso geralmente não é bom. Por óbvio o capital está preparado para explorar seu trabalho e trata-los como força, energia a ser drenada. O salário justifica esta relação. Não há novidade aqui, exceto a tradução que fazem das experiências vividas. Um dos haitianos disse que não havia trabalho no Haiti, que as coisas por lá estavam mais difíceis do que aqui, e que decidiu vir trabalhar. Continuou: mas “não só pra trabalhar”.

Artigo enviado para publicação em 03/10/19

Artigo aprovado para publicação em 08/11/19